

Media Interventions no contexto das lutas sociais no centro de São Paulo¹

Francisco Marcio Marques dos SANTOS²

Cilene VICTOR³

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Esta pesquisa objetiva investigar como os movimentos sociais de moradia no centro de São Paulo têm usado recursos de *Media Interventions* com o propósito de conquistar e fomentar a busca por direitos. O referencial teórico está amplamente baseado nas experiências organizadas pelo pesquisador Timothy Marjoribanks e sua equipe no projeto *Australian media and the politics of belonging*, bem como os preceitos de Políticas de Pertencimento elaborados por Yuval-Davis em sua obra *Belonging and the politics of belonging*. Os resultados apontam a experiência bem-sucedida do MSTC nas ocupações urbanas de SP, em especial o Residencial Cambridge e a Ocupação 9 de Julho.

PALAVRAS-CHAVE: *Media interventions*; políticas de pertencimento; movimentos sociais de moradia; luta por reconhecimento; territórios.

INTRODUÇÃO

O cenário da criminalização dos líderes do MSTC (Movimento Sem-Teto do Centro) ocorre em uma época de intensas campanhas de desinformação nas mídias sociais e na grande imprensa. Nesse contexto, este artigo tem o objetivo de investigar como esses movimentos têm feito uso de recursos classificáveis como *Media Interventions* para reverter essa abordagem. O conceito de *media interventions* é a raiz do referencial teórico para a elaboração desta pesquisa, em especial as experiências descritas por Timothy Marjoribanks e sua equipe no projeto *Australian media and the politics of belonging*.

Ao investigar como as ocupações urbanas lidam com a mídia e a desinformação, os preceitos das políticas de pertencimento ganham notória importância. Nesse sentido, esta pesquisa analisa a produção artística e cultural das ocupações organizadas pelo

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos em Comunicação e suas Interdisciplinaridades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (PósCom), onde é membro do grupo de pesquisa Jornalismo Humanitário e Media Interventions. Mestre pelo PósCom e graduado em Cinema pela FAAP. Bolsista Capes. E-mail: kicosantos@gmail.com

³ Orientadora da pesquisa. Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (PósCom), onde é líder do grupo de pesquisa Jornalismo Humanitário e Media Interventions (HumanizaCom). E-mail: cilene.victor@metodista.br

MSTC e a contrapõe com as experiências organizadas por Marjoribanks nos subúrbios ocidentais de Sydney, na Austrália. Para isso, é analisada uma obra audiovisual realizada no âmbito das ocupações urbanas, o filme *Era o Hotel Cambridge* da cineasta Eliane Caffé. A análise da obra revela similaridades com as experiências de *Media Interventions* colocadas em prática nos subúrbios de Sidney, sobretudo no que tange aos preceitos da Política de Pertencimento de Yuval-Davis: Amplificar as vozes dos grupos em situação de vulnerabilidade e garantir a sua escuta de modo a gerar formas de pertencimento individual e comunitário.

MOVIMENTOS SOCIAIS DE MORADIA – O CASO MSTC

O fenômeno das ocupações urbanas é um elemento disruptivo quanto ao acesso à moradia da população em situação de vulnerabilidade no centro da cidade. O empobrecimento amplo de uma parte já fragilizada da população tem forçado um movimento cada vez maior para as ruas da metrópole. Para muitas famílias em situação de pobreza, a ocupação de prédios abandonados é uma questão de sobrevivência, uma forma urgente de conseguir refúgio quando não há opção a seguir.

Partindo para uma solução social que é a ocupação física de um imóvel, as famílias tentam reconstruir suas vidas. São famílias que perderam suas residências, pessoas em situação de refúgio, excluídos e à margem da sociedade. O ato de ocupar envolve desafios um tanto complexos que vão desde mobilizar as pessoas, planejar a ação, executar a limpeza e reestruturação do espaço, até lidar com o temor constante de uma repressão policial. Há ainda o desafio de criar as condições para uma convivência organizada com regras previamente estabelecidas e seguidas por todos (Santos, 2023, p. 66).

Em levantamento realizado pela Prefeitura de São Paulo em 2018, foram identificados 51 edifícios ocupados na cidade, a maior parte localizada no centro da capital. No interior dessas ocupações moram aproximadamente 3.500 famílias, atingindo um total de 10.562 pessoas. Um outro dado é que há pessoas idosas morando em 86% dos edifícios (Prefeitura de São Paulo, 2018).

Como boa parte das organizações e movimentos de cunho social, o MSTC se tornaria alvo de notícias falsas que circularam pelas mídias sociais. O poder de corrosão

sob motivação ideológica age propagado pelas campanhas massivas de desinformação e amplificados por setores da grande mídia (Santos, 2023, p. 67).

Em maio de 2018, o edifício Wilton Paes de Almeida colapsou após um incêndio de grandes proporções. Uma vez abandonado e sem função social, o prédio fora ocupado por pessoas sem teto que não possuíam vínculos com os movimentos organizados de luta por moradia. Segundo Santos (2023), após esse acontecimento, desencadeou-se um movimento de criminalização dos movimentos de moradia. Os movimentos já eram constantemente associados ao tráfico de drogas e à criminalidade na região. A investigação culminou na prisão de lideranças dos movimentos, acusados de extorquir os moradores das ocupações e ainda por associação criminosa. Entre as lideranças que foram presas estava Preta Ferreira, atriz, cantora, ativista e filha de Carmen Silva, importante liderança do MSTC. De acordo com o delegado responsável pelo caso, o inquérito se baseou em denúncias feitas por meio de cartas anônimas enviadas pelos moradores do prédio que desabou⁴.

MEDIA INTERVENTIONS – O CASO HOTEL CAMBRIDGE

Em 2016 a cineasta Eliane Caffé, em um processo colaborativo com moradores de ocupações urbanas, produziu o filme *Era o Hotel Cambridge* que se tornaria emblemático quanto ao tema das ocupações urbanas. Combinando ficção com documentário e totalmente filmado nas ocupações geridas pelo MSTC, o filme levou para as telas a história da líder Carmen Silva e de moradores locais de diversas origens. O Residencial Cambridge é uma ocupação que tem conquistado batalhas importantes no reconhecimento público pelo direito de permanecer ali. O local deu nome para o premiado longa-metragem que foi produzido coletivamente. De acordo com o método organizado por Mombelli e Tomaim, a análise metodológica de um documentário deve observar, de início, o desdobramento de seus elementos internos que compõem a narrativa audiovisual (Mombelli e Tomaim, 2014). O filme pode ser categorizado como um modo performático de fazer documentário, “uma forma que dá mais ênfase às características subjetivas da experiência e da memória, que se afastam do relato objetivo” (Nichols, 2005, p. 170).

⁴ Reportagem publicada pelo portal G1 notícia o inquérito contra as lideranças dos movimentos de luta por moradia: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/24/lideres-de-movimentos-de-moradia-sao-presos-em-investigacao-sobre-desabamento-de-predio-no-largo-do-paissandu.ghtml>

O filme é narrado por uma combinação peculiar entre atores e personagens reais do contexto das ocupações. A líder do MSTC, Carmem Silva, interpreta a líder da ocupação e todos os desafios diários aos quais os moradores são obrigados a enfrentar. Desde ameaças constantes de ações de despejo até as dificuldades diárias de manter a organização social entre os moradores. Diversas tramas paralelas ilustram a diversidade dos moradores locais, como pessoas em situação de refúgio que dialogam com seus familiares de outros países. Há uma grande troca multicultural entre os personagens do filme. Por mais que as tramas sigam um roteiro prévio, há um espaço inestimável de narrativa que os personagens ocupam com suas próprias verdades. Um modo de fazer cinema que respeita as vozes de personagens vivos. Ao assumir a sua projeção midiática, o filme atua na amplificação das vozes de seus personagens, vozes que expressam os discursos de resistência do movimento. A experiência da produção com os moradores locais colaborou com o senso de pertencimento do grupo, de maneira similar às abordadas nos projetos de *Media Interventions*. Ao mesmo tempo em que amplificou significativamente as vozes das comunidades do MSTC e também tentou garantir a sua escuta em uma determinada escala de distribuição midiática.

Há nas entrelinhas da montagem uma disputa silenciosa entre interpretação e verdade, entre ator e morador, uma disputa que só alimenta a experiência cinematográfica. A produção do filme também foi um evento social. Não há regras de imagens de rigor fotográfico típicas do cinema, há sim a valorização da experiência de produção do filme no registro que a câmera conseguiu absorver. O prédio é o cenário visual absoluto, guardião de todas as almas, mas também é o personagem fio condutor do grande arco da história. É simbólico que o momento de maior catarse, o clímax que irrompe todas as tramas, é quando os moradores saem para o que eles chamam de *festa* - uma nova ocupação. Ao combinar cenas interpretadas com imagens de arquivo, o filme monta uma narrativa de impacto que salta aos olhos pelo realismo das cenas. E ainda utiliza imagens produzidas pelo jornalismo digital independente⁵ assumindo um status de documentação histórica. O documentário também é um registro dos acontecimentos.

⁵ O filme utiliza trechos de materiais audiovisuais de grupos como Jornalistas Livres e Mídia Ninja.

Podemos compreender o filme como uma intervenção de mídia, na acepção de Howley, às abordagens reducionistas e negativas da própria mídia. O filme celebra o espírito do pertencimento, posto que cada morador, ator, roteirista ou figurante envolvido na produção atuou por suas próprias causas e ali elas foram protagonizadas. O audiovisual é dotado de um capital simbólico capaz de sensibilizar, de transcender e de proporcionar pertencimento. A produção de um filme comunitário, assim como outras ações culturais que fazem parte das agendas das ocupações, criam espaços para o exercício do pertencimento. Uma maneira de proporcionar uma diferente percepção dos movimentos sociais a partir de uma representação que os identifique sem a estigmatização de setores da mídia. O filme marcou significativamente a memória da coletividade local. Na esteira de sua realização, as portas da Ocupação 9 de Julho foram gradativamente se abrindo para a produção cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No escopo do grupo de pesquisa Jornalismo Humanitário e *Media Interventions* (HumanizaCom), coordenado pela professora Cilene Victor, as pesquisas, de iniciação científica, mestrado e doutorado, incluindo as desenvolvidas por este pesquisador, têm usado o termo sub-representação, com base nas contribuições de Serge Moscovici, no campo das Representações Sociais. As pesquisas têm identificado que as representações das minorias são tão distantes da sua essência, carregadas de estigmas, inclusive da mídia, que leva os pesquisadores e pesquisadoras do HumanizaCom a optar pelo termo sub-representações. Compreender as sub-representações dos movimentos de luta por moradia alimentadas pelos grandes grupos de mídia é fundamental para pensar soluções que colaborem com a redução dos abismos sociais. Por mais que o filme *Era o Hotel Cambridge* seja um importante marco de *Media Interventions* no contexto das lutas por moradia, a própria existência da ocupação 9 de julho representa um projeto simbólico de maior amplitude. Um projeto que conta com uma agenda de eventos e produção cultural, e que mantém seu espaço físico de portas abertas. Trata-se de um território de resistência, mas que conseguiu reverter o poder da mídia a seu favor. Um fenômeno que tem subvertido a representação simbólica de si, pautando a mídia em lugar de assumir uma postura passiva na produção de notícias. A experiência da ocupação 9 de Julho é de grande significado, ela toda é um exemplo macro de grande eficácia de *Media*

Interventions. Seus moradores desenvolveram um incrível sentimento de pertencimento no local, que passou de estigmatizado para indicador de tendências. É por isso que os conflitos diminuíram por lá, a luta por reconhecimento tem caminhos que eventualmente seguem pela sombra.

REFERÊNCIAS

DREHER, Tanja. Speaking up or being heard? **Community media interventions and the politics of listening**. *Media, Culture & Society*, v. 32, n. 1, p. 85–103, 2010.

FERRARA, Luciana N.; GONSALES, Talita A.; COMARÚ, Francisco de A. **Espoliação urbana e insurgência: conflitos e contradições sobre produção imobiliária e moradia a partir de ocupações recentes em São Paulo**. São Paulo, *Cadernos MetrÓpole*, v. 21, p. 807–830, 2019.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a Gramática Moral dos Conflitos Sociais**. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2003.

HOWLEY, Kevin (Org.). **Media Interventions: Afterword by Nick Couldry**. 1ª edição. [s.l.]: Peter Lang Inc., International Academic Publishers, 2012.

LOURENÇO, Nelson. **Globalização e glocalização**. O difícil diálogo entre o global e o local. Mulemba, *Revista Angolana de Ciências Sociais*, n. 4 (8), p. 17–31, 2014.

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM, Cássio Dos Santos. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Lumina**, v. 8, n. 2, 2014.

NOLAN, David; FARQUHARSON, Karen; MARJORIBANKS, Timothy (Orgs.). **Australian Media and the Politics of Belonging**. Anthem Press, 2018.

NICHOLS, Bill. *Introdução Ao Documentário*. São Paulo: Papyrus Editora, 2005.

PREFEITURA DE SÃO PAULO, **Situação das Ocupações na Cidade de São Paulo**. São Paulo, 2018.

SANTOS, Francisco Marcio Marques. Políticas de pertencimento: Reflexões teóricas sobre o pertencimento nas frentes de luta por moradia. IN: AMBROGI, Ingrid Hötte; SILVEIRA, Isabel Orestes; MARTINS, Mirian Celeste; SCHWARTZ, Rosana Maria Pires Barbatto; LOPES, Cristiano Camilo. **Andarilhar atento pelos territórios da educação, arte e cultura**. São Paulo: ed. POMello Digital, 2023.

VICTOR, Cilene; SOUSA, Cidival Morais de. A pandemia na sociedade de risco: perspectivas da comunicação. Campina Grande - PB: Eduepb, 2021.

YUVAL-DAVIS, Nira. **Power, Intersectionality and the Politics of Belonging**. Denmark, A Alborg University, [s.l.: s.n.], 2011.